

**Documento de Registro de Entrevista para o site de MHETCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz**

**Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas**

**São Paulo**

**2018**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Camila Polido Bais Hagio

Instituição: Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A seleção de um docente para a realização de uma entrevista sobre a memória do trabalho docente partiu do princípio do tempo de atuação docente na unidade e na relação do docente com nossa escola. Assim, a professora selecionada para esta entrevista, Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz, faz parte do corpo docente da Etec Getúlio Vargas há mais de quarenta anos, seu ingresso deu-se em 1977, sendo homenageada o ano passado pelo diretor, juntamente com outros docentes e funcionários pelo tempo de serviço prestado na unidade. Além disso, a professora foi aluna de uma das primeiras turmas do curso técnico de Edificações oferecido pela nossa escola, sendo a primeira oradora mulher deste curso.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Camila Polido Bais Hagio

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas

Data: 27 de agosto de 2018

Técnico de gravação: Patrícia Mendes Fildimaque

Duração: 27 minutos e 36 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Camila Polido Bais Hagio

Número de páginas: 14

### **Sinopse da entrevista**

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018, com a entrevistada, Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz, por esta ter estudado nas primeiras turmas do curso de edificações da Etec Getúlio Vargas e atuar a mais de 40 anos como docente no curso de Edificações na Etec Getúlio Vargas.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 15 a 18 de outubro de 2018

Nome da transcritora: Camila Polido Bais Hagio

**CPBH:** Hoje é dia 27 de agosto de 2018, professora Camila, professora Rozanne, estamos aqui no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas para conversar um pouquinho sobre memórias do trabalho docente. Obrigada pela participação.

**RNSR:** Obrigada vocês.

**CPBH:** Eu queria que você falasse um pouquinho sobre sua vida, como você chegou ao Centro Paula Souza.

**RNSR:** Bom, eu comecei como aluna da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, na época uma escola que basicamente tinham meninos, eram poucas as meninas, tanto que meu pai falava: você vai lá? Aquela história

toda... mas eu prestei vestibular, era o Vestibulinho que seria hoje, entrei e até o diretor era o Seu Sanches, e ele veio conservar comigo, mostrar a escola, mostrar para os meus pais que podiam ficar sossegados, e no meu curso tinham cinco meninas comigo, e começamos a desenvolver o curso, e das cinco, eu me formei, elas foram parando no meio e acabei eu me formando em Edificações. Eram duas classes de 40, duas de quarenta a noite né, o curso era só noturno, os demais..., noturno e ao sábado era o dia inteirinho, nós tínhamos aula inclusive de topografia a manhã inteira, prática, e São Paulo era muito frio na época, nós chegávamos antes das sete horas, tinha uma padaria eu acho aqui, a gente ia tomar leite fervendo no copo para esquentar a mão de tão frio né, e isso era muito gostoso porque todos iam juntos né, e passava a ser, a todos a sermos assim grandes amigos, e era assim uma união muito grande, não existia a facilidade que existe hoje, então todos se ajudavam, todos aprendiam juntos sempre, todo mundo, tudo era feito em conjunto, como até hoje muitas coisas né, mas as dificuldades eram maiores, inclusive era uma época que nós tínhamos aula todas as noites e aos sábados o dia inteiro, os outros cursos tinham aula durante o dia e no nosso curso não, eram os quatro anos né, mas era muito gostoso porque a GV tinha muitos campeonatos, participava de todos os campeonatos, inclusive é tão antiga minha história que era da época dos jogos da primavera, e a GV participava de todos os jogos e o time feminino da GV de vôlei tinha exatamente o número de mulheres para formar o time, nenhuma podia ficar doente porque senão não tinha o time. E nós íamos jogar, e nós jogávamos e a escola inteira ia torcer, professor, diretor, todo mundo ia, e nós ganhávamos, nós alunos da GV, todos, aqui existia uma quadra junto dos leões que estão aqui na frente, a quadra lá embaixo tinham os leões e todo mundo tinha treino, era inclusive um colega mais velho que treinava os demais, mas todo mundo se empenhava demais sabe? Porque a família GV sempre foi muito, muito grande, muita unida, muito forte, então existe até hoje os velhos da GV, até hoje curtem esta família, é muito bom neste sentido. Mas como é que eu vim pra cá, depois que eu sai...

**CPBH:** Que ano foi isso, mais ou menos. Quando você estudou aqui?

**RNSR:** Eu voltei pra cá em 77 como professora, então quer dizer, já estava formada, foi na década de 70 durante inclusive essa obra, já me entreguei né? Mas foi durante essa obra, a obra deste prédio, eu já voltei como profissional, dando aula, inclusive alguns colegas que foram, eu já dava aula em uma outra escola técnica, e alguns colegas daqui inclusive professor Edmundo Masini, que era professor de materiais aqui, ele foi me buscar e professor Antônio Afonso também, eles foram me buscar para que eu viesse dar aula de materiais aqui com eles, materiais e topografia, e aí eu comecei assim, como acho que auxiliar técnica né, e aí foi indo e fui fazendo uma carreira que hoje tem quarenta e um, quarenta e, quase quarenta e dois anos, que estou aqui, gosto muito do que eu faço, é a minha vida, e eu vivo em função dos meus alunos, eu digo que eu respiro GV, sempre respirei GV, mais do que, eu acho que eu não consigo muito pensar em ficar longe da GV, dos jovens da GV, e eu gostaria muito que eles se empolgassem mais em ser aqueles bons profissionais, aqueles profissionais de destaque que a GV sempre se esmerou em, digamos assim, produzir. A GV sempre foi uma família, então isto eu acho fundamental sabe, eu acho que é uma coisa, a partir do instante que cada um deles entende que é uma família, um ajuda o outro, é uma coisa que a gente sente, mesmo com os ex-alunos, qualquer problema todos se unem. Nós temos encontros com ex-alunos assim de 35 anos atrás, sábado o outro, daqui a duas semanas também teremos mais um encontro de ex-alunos de 38 anos de formados, e entregando né, e é muito bom, é muito bom, eles vibram quando eles vêm aqui, eles se sentem crianças de novo, eles revivem aqueles momentos que foram maravilhosos, então todos vivem a GV, sabe é muito, é uma grande recompensa, é isso, acho que eu divaguei um pouco, mais é isso que eu acho, é isso que eu sinto, e eu também, eu vivo junto com eles, eu, nossa, é uma alegria tão grande, é uma satisfação tão grande, vê-los cada vez mais, crescendo e quando eles vêm aqui, vibrando, trazendo os filhos, é muito bom, é muito bom, e contando com aquela alegria, “olha, eu fiz isso, eu fiz aquilo, porque aqui”, cada um contando sua história, sua aventura, é uma vida, é uma parte significativa, muito significativa da vida sabe?, GV é isso, para mim GV é isso, então, por isso que estou aqui.

**CPBH:** Na época que você estudou aqui as matérias do ensino médio, ensino comum, também eram aqui ou em outra escola?

**RNSR:** Na época que eu estudei aqui era dividida, aqui era uma escola só técnica, só matérias técnicas, e em outro prédio eram as matérias, como é que se diz, do núcleo comum, mas o quarto ano era só aqui, que era só matéria técnica, nós tínhamos só matéria técnica no quarto ano e era só aqui. Mas era todo dia matéria técnica, fora isso, aí depois com o passar do tempo veio a intercomplementariedade, porque não existia nada do núcleo comum aqui, isso dava muito problema, porque o aluno técnico ele necessita ser aquele aluno que pergunta, aquele aluno curioso, e muitas vezes o ensino curricular, comum, ele é um jeito diferente. O nosso aluno sempre foi aquele aluno de perguntar e as vezes isso chocava um pouco fora, então a melhor coisa foi trazer todos para cá e não sei, por uma reforma né, todos vieram para o mesmo prédio, o que facilitou muito, digamos o convívio, porque fez com que os professores, os alunos, todos se entrosassem melhor, isso foi muito bom, diminuiu aquela parte de vários prédios com alunos nossos.

**CPBH:** Certo. E em relação às mulheres, como era?

**RNSR:** Ah, bom, no começo.

**CPBH:** A entrada delas, tinha mecânica, era um curso tradicional.

**RNSR:** A era assim, meu deus, era a bonequinha de cristal, nossa mãe, no meu tempo, era superprotegida, meus pais não precisavam nem se preocupar se um dia eu saísse mais tarde da escola eles me levavam até a porta de casa, era assim um cuidado total. Foi muito engraçado porque eu ia me formar, eu não estava não, não estava namorando, então eles achavam absurdo, então eles tinham que escolher o meu namorado porque como eles iam me largar no mundo desprotegida. E assim era com cada menina daqui da GV, porque eram pouquíssimas, então eles escolheram alguém que eles gostassem, que eles gostariam que fosse o meu namorado, não me



perguntaram, eles falaram “este aqui é o ideal para você”, eu falei “não, imagina”, e foram e fizeram todo um levantamento, mas foi muito engraçado né, ai mais, e quando eu casei, não com este escolhido por eles mas com meu marido, todos estavam presentes, e assim, eu poderia conversar com quem fosse da Edificações, a se algum menino de outro curso viesse me convidar para tomar um refrigerante na padaria da esquina, e que uma vez ele convidou, eles ficaram todos no caminho na hora do intervalo para verificar, e com todas as meninas era assim, os cursos eram possessivos, eram poucas meninas e eles tomavam conta total, eles não falavam um palavrão na frente de menina nenhuma, era uma outra época, era uma proteção total. E as meninas, por exemplo, meu caso, eu tive um professor de prática magnífico, professor Barne, que me ensinou muita coisa, e é uma linha que eu sigo, é assim, meninas ou meninos, todos serão profissionais iguais, todos devem fazer a mesma coisa, se eles vão carregar aqueles tijolos, os meninos, as meninas também, eu sempre fiz tudo igual, porque não admitia que houvessem diferenças, porque eu tinha que aprender da mesma maneira que os meninos, tanto que eu lembro que um dia tinha que serrar uma tora imensa para gente aprender como mexia com aquela serra imensa na minha opinião, eu nunca tinha pego naquilo, a serra fazia assim, fiz uma bolha imensa na minha mão, mas eu aprendi, precisava mostrar para os meninos que eu também era capaz, e isso foi muito importante, eu tinha medo de eletricidade, aí ele falou “então você vai aprender a mexer com um painel”, e lá fui eu, e assim foi, e com todas as meninas era assim. Nós tínhamos que aprender tudo, e os meninos também, isso foi muito importante para todos nós, éramos todos iguais, todos sabem? Todos tinham que estudar muito, todos tinham que aprender tudo igual, todos eram alunos iguais e todos mereciam o mesmo respeito, era assim uma, todos, era acima de tudo havia o respeito, a compreensão, a amizade, entre os professores, os alunos, era, como te falo, uma família, sempre muito respeito. Aí eu lembro que quando nós nos formamos, eu fui a primeira oradora da turma mulher, porque não tinha né, aí tinha uma menina na mecânica, Lucia, e tinha, aí começaram a aparecer as meninas, e eu lembro que naquela época nós tínhamos que fazer assim, tinha muita gente de fora porque a GV sempre foi

uma escola de renome, sempre chamou a atenção de tudo para a GV porque ela sempre se destacou. Então quando existia uma formatura era uma coisa assim de grande destaque, então pediam que a gente falasse a respeito de todos, eram eventos muito bonitos, muitos significativos para uma série de situações, era muito bom. Aí começaram a entrar as mulheres, eu me formei, depois eu voltei pra cá, como professora, no início eram pouquíssimas, mas foi aumentando, foram aumentando aos poucos, até que um dia, eu lembro que eu entrei em uma turma de primeiro ano aqui e tinham tantas meninas, tinha assim uns trinta por cento na sala de meninas, eu falei acho que entrei em uma sala de nutrição, eu dei a volta e falei “espera aí aqui é edificações, né?”, mas eu fiquei muito feliz de ver, aquele ano entraram tantas, e a partir daí passaram a entrar muitas meninas, hoje nós temos assim quase que uns cinquenta por cento de meninas, então é assim muito bom porque as meninas se destacam, elas enfrentam as mesmas situações que os rapazes com bastante facilidade, não existe problema no campo de trabalho, existe muita, muita, elas sabem se portar, sabe, elas sabem, mesmo aqui conosco elas aprendem como os meninos, elas sabem que o que elas vão fazer os meninos fazem e que serão todos profissionais iguais, então hoje isso é muito bom, é muito bom, existe tanto rapazes quanto meninas hoje não existe diferença, já há muitos anos não existe diferença, elas conquistaram este espaço, o que foi muito bom, sabe, existe sempre muito respeito, não é pelo fato de ser a parte de construção civil que vai causar uma estranheza qualquer, uma dificuldade maior, não existe.

**CPBH:** Eu perguntei isto porque a gente veio, a gente é origem de uma escola masculina.

**RNSR:** Sim.

**CPBH:** Então, hoje em dia muitos nem sabem, então por isto este trabalho de resgatar a memória da escola é tão importante, mas talvez na sua época isso ainda estava muito forte.



**RNSR:** É, era forte sim, inclusive quando a escola fez 100 anos eu descobri muita coisa da escola que eu não sabia, vieram muitos senhores aqui, inclusive japoneses, e falavam que no pós-guerra eles vieram para cá já ouvindo o nome da GV, que eles sabiam que o filho deles, eles deveriam fazer de tudo para que o filho entrasse na Escola Getúlio Vargas, na época ainda escola masculina, para que houvesse, para que tivessem uma possibilidade de futuro melhor, porque era uma escola de destaque assim, assim que eles começavam a estudar na Getúlio Vargas, eles conseguiam emprego. Então era uma escola muito conhecida fora, sabe, isso eles me contaram nos eventos, no aniversário. Então é muito importante nós sabermos disso. A escola ela foi assim, muita gente fez, deu muito por ela, muita gente se dedicou muito, tiveram pessoas aqui maravilhosas, que se dedicaram realmente a Getúlio Vargas, a este, este setor Getúlio Vargas, a este prédio, este prédio não este concreto, mas esta, esta, a esta unidade tá. Depois que houve a separação da escola masculina a este, esta unidade Getúlio Vargas. Os diretores daqui, desvinculando da outra parte, aqui, a Getúlio Vargas, a Getúlio Vargas, esta Getúlio Vargas ela teve sua vida própria. Ela cresceu por ela, ela criou as suas raízes, os seus conceitos com as pessoas daqui. Então foi muito importante, existiram pessoas, os professores daqui, existiram muitos problemas, mas todo mundo arregaçava as mangas e ia lutar junto. O dia que falaram nós vamos tirar qualquer coisa de vocês, nós sentamos na rampa, ninguém vai tirar nada da gente, nós vamos trazer coisas, sempre nós fizemos tudo junto, nós lutávamos juntos e ainda hoje. Era todo mundo junto sabe, não importava o problema que existisse, todo mundo se unia para defender a Getúlio Vargas. Sabe, é engraçado talvez falar isso hoje, mas hoje a gente tem uma grande estrutura, mas não era assim, era pequenininha, e a gente lutava com o que tinha, “a não tem tijolo? Cada um traz um tijolo”, e construíamos o que precisávamos. “Vamos construir nosso laboratório? Vamos. Gente, nossa aula é de prática, vamos na obra. Vamos subir na obra para ver como é que faz isso, como é que faz aquilo”. E assim nós íamos. “Olha nós não temos equipamento aqui. Ótimo, vamos em uma empresa, vamos em outra, vamos pedir”. E a gente sempre foi assim, a gente pedia e conseguia. E a gente foi indo. E essa é a

nossa GV. Sabe? Essa é a história dos que estão aí, dos que batalharam. Eu fico falando o tempo todo. Eu gosto muito daqui.

**CPBH:** Não, mas está certo.

**RNSR:** Esse é o ar que eu respiro.

**CPBH:** E aí você se formou em engenharia civil?

**RNSR:** Eu me formei em engenharia civil, me especializei em materiais de construção.

**CPBH:** Chegou a trabalhar fora daqui?

**RNSR:** Bastante, bastante, bastante. Trabalhei bastante fora e sempre paralelo aqui. Sempre aqui, com o pezinho aqui e trabalhando fora. E trabalhei aqui, no Instituto de Artes, no laboratório de materiais de construção, na Federal de São Paulo, também materiais de construção, na Falcão Bauer, também materiais de construção, então sempre foi minha especialização em materiais de construção. E hoje aqui, em materiais de construção. E o professor Edmundo, que era o professor de materiais de construção na época, falava assim para mim, primeiro ano, aliás, a primeira semana de aula, ele falava, “você vai ser, você vai ser professora de materiais de construção”, eu falava, “eu, imagina, nunca”, há quarenta e, quase cinquenta anos com materiais de construção, cinquenta não, quarenta e poucos anos com materiais de construção, o que eu gosto demais.

**CPBH:** E tem alguma coisa que você acha que naquela época era melhor, pior, fazendo uma comparação. Você falou que naquela época eram notas e hoje são os conceitos.

**RNSR:** É, eram notas e eram décimos de pontos. Olha é assim, os alunos mudaram, os tempos mudaram. Existiam dificuldades naquela época que

hoje não existem, existem algumas facilidades hoje. A única coisa que eu gostaria realmente, os alunos de hoje, eles são muito, muito inteligentes, eles já nascem assim com uma bagagem muito grande, com a tecnologia toda que existe, mas as vezes eles têm assim, pela facilidade de muita coisa, eles não têm a garra que antigamente tinham, o tempo que eles têm hoje tem que ser dividido com muita coisa, é videogame, muito, enfim é uma fase de hoje. O que eu gostaria realmente, que houvesse uma maior dedicação. Muitos são ótimos, dedicados, realmente interessados, mas muitos vão perceber depois. Depois de formados eles voltam para aprenderem aquilo que vacilaram em algumas coisas. Estão sentindo como profissionais o que faz falta, então eles vêm, ainda bem que eles lembram da gente e vêm pedir ajuda, mas eu acho que, isso eu gostaria, que houvesse aquela garra, que na verdade, no passado era quase que obrigatório porque não se tinha essa facilidade de muitas coisas. Mas muitos têm, muitos têm. Mas um pouquinho a mais não faria mal a ninguém, sabe. Um pouco mais de dedicação em todos os sentidos.

**CPBH:** Procurando resgatar o Centro de Memória, teria alguns nomes que você acha que a gente deveria, não, estes a gente, vamos conversar.

**RNSR:** Professor Frassei, ele se dedicou demais, foi um dos diretores daqui da GV. Acho que foi o primeiro diretor da nova GV. O Frassei é uma pessoa a qual eu admiro demais, demais, em termos de integridade, de dedicação. Professor Sanches, que também foi um diretor aqui, muito, muita garra. Sassai que era professor da eletrônica e também foi diretor aqui. Eram pessoas assim que, eram não, são pessoas né, que, já bem velhinhos, mais velhinhos do que eu, mas que realmente tinham muita garra, sabe. É engraçado né, quando eu entrei aqui como professora tinha uma diretora, eu sempre fui muito expansiva, muito de cumprimentar. Ela uma vez falou para mim, “Professora, cuidado, dar aula é um vício, a senhora tome muito cuidado”, eu era menina, e senhora, “E outra coisa professora, não passe nesses corredores sorrindo, podem pensar mal da senhora”, eu falei, “Como? Mas como? Eu não posso sorrir, não posso cumprimentar meus colegas

sorrindo?”, “Não é de bom tom”, eu falei, “Ah, mas não era comigo né”. Quer dizer, aqueles conceitos antigos, aí isso eu não pude respeitar não, porque eu sou de brincar com todo mundo, sempre fui. Mas só para vocês verem a comparação, como era né, como as coisas são diferentes hoje. Mas existia esse preconceito. Era, eu era, nós estávamos aqui dentro como professoras em uma, duas, três, quatro professoras mulheres, então existia preconceito, quatro engenheiras. E as quatro tinha que ser, segundo esta diretora, muito né. E éramos muito sérias. Com certeza todas muito sérias, os nossos colegas sempre foram assim de extremo respeito, sempre nos apoiando muito. E nunca teve problema nenhum, nem nada. Então, quer dizer, não havia necessidade de falar “não sorria nos corredores”, imagina gente, é tão gostoso receber um sorriso. Mas era um conceito antigo. Que ainda bem que não existe mais este conceito tão, tão rude. Mas existia isso também.

**CPBH:** Eu agradeço muito sua colaboração.

**RNSR:** Obrigada.

### **Descritores**

Camila Polido Bais Hagio  
Centro de Memória  
Edificações  
Educação de meninos e meninas  
Escola Técnica Getúlio Vargas  
Etec Getúlio Vargas  
Ex-alunos  
Família  
História oral na educação  
Ingresso das mulheres  
Materiais de construção  
Memórias do trabalho docente

Professor Barne  
Professor Frassei  
Professor Sanches  
Professor Sassai  
Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz é Engenheira Civil formada pela Universidade Mackenzie, possui licenciatura em Construção Civil e curso técnico em Edificações pela Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas. Atua como docente na Etec Getúlio Vargas desde 1977 nos cursos técnicos de Edificações e Meio Ambiente. Trabalhou também no Liceu de Artes e Ofícios, no Instituto Federal e na Falcão Bauer sempre com Materiais de Construção, sua área de especialização.

### **Dados Biográficos da Entrevistadora**



Camila Polido Bais Hagio é mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - FAU USP (2014), possui pós-graduação em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2008) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Bauru (2005). Trabalha como docente desde 2005 pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, atualmente é professora da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas nos cursos técnicos de Edificações e Design de Interiores. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP) desde setembro de 2016.

**Anexos** (documentos sigilosos e não divulgado online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem